

nara roesler

thiago barbalho



thiago barbalho

b. 1984, natal, brazil

lives and works in são roque, brazil

The writer and visual artist Thiago Barbalho discovered in drawing an expression form that overcame a crisis he had with words. Working in different dimensions and with different materials (colored pencils, graphite, spray, oil, oil pastel, and marker on paper), his compositions bring intricate universes to the public's eye, in which shapes and colors intertwine and shuffle in narratives that seem to radicalize and endow the Hieronymus Bosch fantastic universe with a contemporary and lysergic air.

According to the critic and curator Kiki Mazzucchelli, 'when working essentially in drawing, Barbalho produces extremely intricate, but unplanned compositions, in which a multiplicity of images, symbols and color fields merge to create uninterrupted vibrant surfaces.' The apparent chaos of his images arises from the gestures he traces, refusing to submit to a formal logic dictated by rationality. In fact, we encounter in his work a variety of fragments, a profusion of references from different spheres, from pop culture to art history tradition, disarranging categories, and the relationship between figure and background.

With a background in Philosophy, Barbalho relies on philosophical concepts to guide his practice. In this sense, he understands drawing as an ancestral technology, which spans ages and cultures as a specific human species' invention. The artist's visual research leads him to see in the drawing the trace of a presence and the relationship between the mind—the imagination—and the body—the gesture—, between consciousness and reality.

[click to see full cv](#)

selected solo exhibitions

Cacimba Nova, Casa de Cultura Jardim do Seridó, Jardim do Seridó, Brazil (2024)

Depois que entra ninguém sai, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brazil (2022)

Correspondência, Galeria Marília Razuk, São Paulo, Brazil (2019)

Thiago Barbalho, Kupfer Project Space, London, UK (2018)

selected group exhibitions

AVAF, Casa Triângulo, São Paulo, Brazil (2018)

Rocamboles, Pivô, São Paulo, Brazil (2018)

Rocamboles, Kunsthalle Lissabon, Lisbon, Portugal (2019)

Voyage, Galeira Bergamin & Gomide, São Paulo, Brazil (2017)

Shadows & Monsters, Gasworks, London, United Kingdom (2017)

selected institutional collections

Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil

4	desenho como escrita
12	gesto, corpo, presença
25	imagens em profusão
32	experiências ameríndias
38	desenhos e outras linguagens





A prática de Barbalho é marcada por suas leituras e estudos, que são tão abrangentes e densos quanto seus desenhos. O artista se interessa tanto pela tradição filosófica ocidental quanto por poetas místicos e estudiosos da matemática; saberes ameríndios e saberes tradicionais do Nordeste. A multiplicidade do arsenal teórico de Barbalho é a mesma dos materiais empregados em seus desenhos que abre possibilidades de criação a partir de encontros únicos entre elementos dessemelhantes. Em seu repertório de materiais encontram-se o grafite, o lápis de cor, a caneta esferográfica, o marcador permanente, a tinta acrílica e a óleo e o pastel, recorrentemente combinados no papel.

Sem Título, 2018
lápis de cor, grafite,
caneta esferográfica,
marcador permanente,
óleo, pastel, acrílica,
e spray sobre papel
101 x 72 cm

→
Sem Título [detalhe], 2018
lápis de cor, grafite,
caneta esferográfica,
marcador permanente,
óleo, pastel, acrílica,
e spray sobre papel
101 x 72 cm



Essa diversidade pode ser notada na obra *Plumas* (2021). O desenho inicia-se a partir de um gesto simples que se repete. O artista cria pequenos casulos, formas que tanto podem lembrar gotas como pétalas de flores, em seguida, pela sua acumulação, aparentam escamas de peixes ou plumárias de aves. Após recobrir a superfície com essas formas modulares, que partem de um mesmo princípio formal, o artista passa a preenchê-las, com diferentes materiais e cores. Por vezes, ele combina mais de um material e cor na mesma célula, criando efeitos únicos, que têm como resultado uma miríade de cores que constroem um ritmo visual hipnótico.

Pele de plumas, 2020
grafite, lápis de cor,
caneta esferográfica,
marcador permanente,
acrílica e óleo sobre papel
72 x 101 cm

→
Pele de plumas [detalhe], 2020
grafite, lápis de cor,
caneta esferográfica,
marcador permanente,
acrílica e óleo sobre papel
72 x 101 cm





Para Barbalho, desenho e escrita têm uma mesma origem: o gesto. São marcas concretas deixadas no mundo que, por sua vez, sempre apontam para a existência de um sujeito que intencionalmente as criou. São afirmações daquele indivíduo. Nesse sentido, o tempo de feitura dos trabalhos é um dado fundamental do processo. O artista se demora em preencher toda superfície do papel com formas diversas. Contudo, diferente da literatura, esses desenhos não constroem uma narrativa linear mas afirmam as diferentes temporalidades coexistentes no mundo, criando uma imagem que permite-nos tomar diversos caminhos de encadeamento narrativo ao percorrermos os desenhos de Barbalho com nossos olhos.

A redenção idiota, 2019
lápiz de cor, grafite,
caneta esferográfica,
marcador permanente,
óleo, pastel, acrílica,
e spray sobre papel
234 x 160 cm

→
A redenção idiota [detalhe], 2019
lápiz de cor, grafite,
caneta esferográfica,
marcador permanente,
óleo, pastel, acrílica,
e spray sobre papel
234 x 160 cm







O próprio processo de feitura visa instaurar essa multiplicidade de tempos. Sem um plano inicial, o artista faz uma marca no papel, perturbando a unicidade da superfície, à qual ele responde com outra forma, criando uma composição que cresce organicamente, passo a passo. Contudo, ele pode logo passar a outra parte da folha e ali lançar outra proposta e assim por diante, fazendo uma imagem despreocupada da legibilidade, mas que deseja revelar a complexidade da relação entre as coisas que nos circundam. O artista também não inicia e termina um desenho em um mesmo impulso, por vezes ele o interrompe, retomando dias depois

01, 2017
tinta acrílica, lápis de cor,
grafite, caneta esferográfica,
marcador permanente, pastel
oleoso e tinta spray sobre papel
120 x 80 cm

e respeitando a temporalidade própria do processo artesanal da criação.

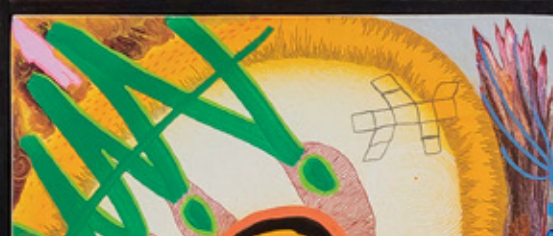
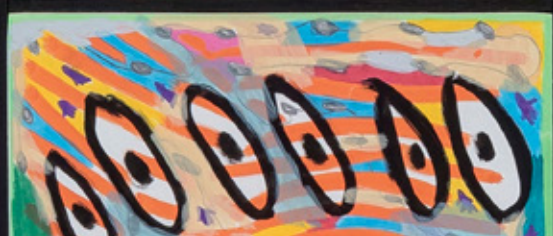
Canto XI (2019), por sua vez, parte de uma experimentação que traz para o desenho uma visualidade literária.

Primeiro, o artista realizou uma série de desenhos em papéis de formato quadrado, depois ele experimentou diferentes relações entre essas partes autônomas, guiando-se, principalmente, pela forma que o poema adquire na página impressa. Em *Canto XI*, Barbalho joga com as possibilidades que cada termo – desenho – deste texto visual, tem de modificar a si e ao próximo pela relação de proximidade que se estabelece. O nome do trabalho faz alusão ao *Canto* como forma textual poética da literatura clássica. Apesar de ser um trabalho único, a numeração delineia a ideia de continuidade, como se esse fosse apenas um capítulo de uma epopéia visual de Barbalho.

Canto XI, 2019
Lápis de cor, grafite, caneta
esferográfica, marcador
permanente, óleo, pastel,
acrílica, e spray sobre papel
e madeira
150cm x 128cm

→
Canto XI [detalhe], 2019
Lápis de cor, grafite, caneta
esferográfica, marcador
permanente, óleo, pastel,
acrílica, e spray sobre papel
e madeira
150cm x 128cm







gesto, corpo, presença

A dimensão do gesto é importante na prática de Barbalho pois agrega outro aspecto fundamental de sua poética: o corpo. O desenho é resultado da ação de um corpo, da concentração de suas energias, por um período de tempo. Um desenho é uma presença física que atesta uma outra, que lhe é anterior. O corpo também aparece como tema, em figuras antropomórficas inteiras ou fragmentadas, e ainda através de analogias estabelecidas pelos próprios títulos dos trabalhos, como *Peito de pombo* (2021) e *Pelanca* (2021/2022), ou *De pernas pro ar (sendo engolido)* (2020). Somos levados a considerar os desenhos de Barbalho como corpos em si, inclusive, devido a própria escala dos trabalhos. Ao trabalhar em amplas folhas de papel, o artista não adequa o gesto completamente às dimensões do suporte. Ele segue cobrindo-o com pequenos desenhos, ricos em texturas, como se assim também afirmasse os diferentes toques da mão sobre o papel.

Peito de pombo, 2020
lápiz de cor, grafite, caneta
esferográfica, marcador
permanente, acrílica, óleo
e spray sobre papel
101 x 116 cm
Acervo Pinacoteca do Estado
de São Paulo

Pelanca, 2021/2022
lápiz de cor, grafite, caneta
esferográfica, marcador
permanente, acrílica, óleo
e spray sobre papel
210,9 x 200 cm

→
Pelanca [detalhe], 2021/2022
lápiz de cor, grafite, caneta
esferográfica, marcador
permanente, acrílica, óleo
e spray sobre papel
210,9 x 200 cm









De pernas pro ar (sendo engolido), 2020
grafite, lápis de cor,
caneta esferográfica,
marcador permanente,
acrílica e óleo sobre papel
72 x 101 cm

→
De pernas pro ar (sendo engolido) [detalhe], 2020
grafite, lápis de cor,
caneta esferográfica,
marcador permanente,
acrílica e óleo sobre papel
72 x 101 cm





Mamabanha, 2021/2022
colored pencils, graphite, pastel,
ballpoint pen, permanent marker,
acrylic, oil and spray on paper
27.6 x 78.7 in

→
exhibition view
Depois que entra ninguém sai, 2022
Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brazil



Os desenhos de Thiago Barbalho acontecem, também, na intimidade dos cadernos. Essa prática, comum a muitos artistas, permite o livre exercício da mão e a experimentação desinteressada. Por vezes, um desenho pode se formar de modo mais incisivo, mais afinado em suas qualidades formais e materiais. *Paranoia* (2019) é exemplar nesse sentido. Barbalho selecionou aquele desenho que lhe parecia digno de ser compartilhado com o público e o emoldurou, sem destacá-lo da encadernação. Desse modo, o artista respeita o próprio processo e suporte do trabalho, deixando os outros desenhos adormecidos debaixo daquele que observamos.



Caderninho VI, 2021
lápis de cor, grafite,
caneta esferográfica,
marcador permanente,
giz de cera e spray sobre papel
15 x 20 cm



Caderninho V (Paranoia), 2020
lápis de cor, grafite,
caneta esferográfica,
marcador permanente,
giz de cera e spray sobre papel
15 x 20 cm



O desenho sempre esteve presente na vida de Thiago Barbalho. Os rabiscos, garranchos e formas desinteressadas feitas com o lápis em momentos de distração, ou sem nenhum objetivo específico, são práticas comuns para muitos indivíduos. Isso se dá pelo impulso humano em se fazer imprimir no mundo, deixando suas marcas nele. *Instantes* (2017), uma das primeiras séries do artista, parte de um componente básico da linguagem do desenho: o traço. O artista mecanicamente vai dispendo curtos traços no papel, em intervalos quase iguais. Barbalho faz convergir a artesanania e o maquínico, o ritmo repetitivo da forma e os pequenos desvios da mesma.

Instante II, 2018
lápis grafite sobre
papel colorido
47,5 x 65 cm



Instante XII, 2018
lápiz grafite sobre
papel colorido
47,5 x 65 cm



Instante I, 2018
lápiz grafite sobre
papel colorido
47,5 x 65 cm

Aos poucos, esses conjuntos de traços, cujos intervalos, espessura e tamanho criam diferentes ritmos visuais, são capazes de conferir uma riqueza de texturas que quebra com a suposta monotonia do processo. As formas orgânicas, arredondadas, também são um contraponto à racionalidade do processo, não sendo programadas pelo artista, mas acontecem durante a feitura do desenho, a partir de pequenas decisões que Barbalho vai tomando a cada novo passo.



Instante IV, 2018
lápiz grafite sobre
papel colorido
47,5 x 65 cm

imagens em profusão

2013 marca o momento em que o artista começou a tomar maior consciência das possibilidades do desenho, passando a exercitá-lo deliberadamente. No período, o artista começa a realizar desenhos digitais no software *paint brush*. A possibilidade de se aproximar e se afastar da imagem, com as ferramentas de zoom in e zoom out, abriam caminho para o artista se demorar na produção de detalhes, adentrando cada vez mais no desenho. Esses trabalhos, incrivelmente detalhados, trazem muitos dos elementos que vão se fazer presentes na produção do artista sobre papel: a profusão. De fato, esta é uma das características fundamentais do trabalho de Barbalho, onde encontramos não só uma variedade de imagens, mas também de materiais, cores e texturas. O tempo lento da feitura de cada desenho – Barbalho fazia no máximo dois por ano – contrasta com a velocidade que atribuímos ao universo digital.





A profusão de imagens não só rompe com a relação figura e fundo, pois as formas parecem se entrelaçar criando uma espécie de superfície única, tramada por variados fios. Essas formas parecem ser contidas apenas contingencialmente pelas margens da folha, como se pudessem seguir se desenvolvendo exponencialmente, o que acaba por conferir um caráter de contenção na imagem. Por outro lado, são os próprios limites da folha que dão coerência à polifonia das figuras. Advindas das mais diferentes fontes – desenhos animados, ilustrações de livros, artefatos da cultura popular nordestina, logotipos de marcas, embalagens de produto, etc –, ao serem conjugadas com traços, garranchos e manchas, elas afirmam sua diferença, ao mesmo tempo que se veem circunscritas pelas relações que estabelecem naquele espaço. O resultado é uma explosão na hierarquias de imagens e nas noções de cultura popular e erudita.

É comum que o artista use mais de uma folha para realizar seus trabalhos. Em *Triptico I* (2017) e *Triptico II* (2017), feitos durante sua residência na Pivô, em 2017, Barbalho começou dispoendo a folha sobre a parede, e desenhando sobre ela, a qual juntou outra, de modo a deixar o desenho seguir fluindo em sua expansão. Já *A redenção idiota* (2019) e *Dois louva-a-deus* (2019) ocupam quatro folhas grandes cada. Interessante notar, neste grupo, como o encontro entre as folhas cria um eixo ortogonal preciso que se vê a todo tempo tensionado pela multiplicidade de direções que as linhas de Barbalho assumem.

O eixo ancora o observador em suas andanças pelos labirintos de figuras de Barbalho, e lhes confere atributos, como a simetria, que subjaz à eloquência de suas imagens e traz aos desenhos um caráter vertiginoso que parece se comunicar com o excesso de imagens da vida contemporânea, apresentadas pelas múltiplas telas que nos rodeiam, ao mesmo tempo em que aponta para outras relações entre as imagens e as coisas que elas representam.



Triptico I, 2018
tinta acrílica, giz de cera,
lápiz de cor, grafite, caneta
esferográfica, marcador
permanente, pastel oleoso
e tinta spray sobre papel
240 x 120 cm



Triptico II, 2018
tinta acrílica, giz de cera,
lápiz de cor, grafite, caneta
esferográfica, marcador
permanente, pastel oleoso
e tinta spray sobre papel
225 x 120 cm

Há, apesar da materialidade inegável de seus desenhos, uma dimensão espiritual no trabalho de Barbalho, que não é aquela da transcendência, mas pela realidade das coisas, tentando identificar as estruturas naturais que subjazem à nossa percepção. O caminho escolhido pelo artista passa pelas culturas ameríndias. Entre 2014 e 2017 o artista deixa de lado a dedicação à filosofia eurocêntrica e começa a se dedicar ao estudo do pensamento nativo sul-americano, até entrar em contato com povos que fazem uso de plantas alteradoras de consciência como um caminho não acadêmico para a investigação espiritual. Essas experiências permitiram ao artista acessar um outro repertório de formas que viria a ser integrado em seu trabalho. Por outro lado, as cores contrastantes e, por vezes, fluorescentes do artista conferem uma atmosfera de natureza lisérgica à composição que pode ser tida como tributária a essas experiências.



Dois louva-a-deus,
2019-2020
lápiz de cor, grafite,
caneta esferográfica,
marcador permanente,
óleo, pastel, acrílica,
e spray sobre papel
234 x 160 cm

→
Dois louva-a-deus
[detalhe], 2019-2020
lápiz de cor, grafite,
caneta esferográfica,
marcador permanente,
óleo, pastel, acrílica,
e spray sobre papel
234 x 160 cm



experiências ameríndias

Em dezembro de 2019, movido apenas pela sua determinação, Thiago Barbalho desembarcou no Peru, em Pucallpa, capital da província de Ucayali, buscando se aproximar das práticas e vivências dos Shipibo-Konibo. Anos antes, em 2014, Barbalho havia convivido com membros desta comunidade no interior de São Paulo, evento que coincidiu com suas leituras de etnografia ameríndia. Esse contato chamou sua atenção para as possibilidades do desenho (do grafismo) como uma espécie de escrita visual que não se orienta por princípios de linearidade, mas que ainda assim é capaz de portar um saber e comunicar uma tradição, como acontece em muitas culturas ameríndias. O encontro das culturas nativo-americanas com a estética periférica, que o artista já trazia desde suas origens, produz no trabalho de Barbalho uma aglomeração imagética a respeito de culturas e linguagens normalmente excluídas da história tradicional. Aí reverberam no trabalho temas de violência e conflitos entre cultura de massa e tradição.



Prenúncio em Ucayali, 2020
bordado em tecido com
pigmento natural e algodão
22 x 19 cm



Atrás do que vi (Yarinacocha,
Amazônia peruana), 2019
lápiz de cor, grafite,
caneta esferográfica
e marcador permanente
sobre papel
21 x 14 cm



Atrás do que vi (Yarinacocha,
Amazônia peruana), 2019
lápiz de cor, grafite,
caneta esferográfica
e marcador permanente
sobre papel
21 x 14 cm



Atrás do que vi (Yarinacocha,
Amazônia peruana), 2019
lápiz de cor, grafite,
caneta esferográfica
e marcador permanente
sobre papel
21 x 14 cm



Atrás do que vi (Yarinacocha,
Amazônia peruana), 2019
lápiz de cor, grafite,
caneta esferográfica
e marcador permanente
sobre papel
16 partes de 21 x 14 cm



Entre as diversas experiências vividas no período que se transformaram em desenhos, Barbalho destaca os quinze dias em que residiu na casa de uma *maestra de plantas* shipibo. O artista adentrou no cotidiano da casa, passando manhãs ao lado das mulheres que desenhavam com seus bordados. Barbalho acompanhava o trabalho delas, deixando que seus próprios traços e imagens interiores se mesclassem com aquelas compartilhadas por elas. Essas imagens vistas em cerimônias com ingestão de plantas são imagens presentes na natureza que só são acessadas nessas experiências.

Atrás do que vi (Yarinacocha, Amazônia peruana), 2019
lápiz de cor, grafite,
caneta esferográfica
e marcador permanente
sobre papel
21 x 14 cm

Apesar da referência direta que a série *Atrás do que vi* (*Yarinacocha, Amazônia Peruana*) (2021), resultante do processo, faz à cultura visual shipibo, ele busca criar a própria cosmogonia, sem padrões explícitos, feita do encontro entre o gesto e a tradição formal ameríndia, lidando com questões de apropriação, pós-colonialismo e alianças. A série foi apresentada pela primeira vez em *Electric Dreams* (2021), coletiva com curadoria de Raphael Fonseca na Nara Roesler Rio de Janeiro. Ao se aproximar dos desenhos, o público podia enxergar pequenas formas que parecem inscrições, uma espécie de vocabulário particular, revelando-nos a proximidade entre escrita e gesto, cuja relação estrutura a prática de Barbalho.



vista da exposição
Electric Dreams, 2021
Nara Roesler Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

→
vista da exposição
Electric Dreams, 2021
Nara Roesler Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil



desenho e outras linguagens

Em *Rocamboles*, exposição na Pivô (2018), em São Paulo, e na Kunsthalle Lissabon (2018), em Lisboa, Thiago Barbalho apresentou trabalhos ao lado das artistas Yuli Yamagata e Flora Rebollo. Além de desenhos, Barbalho apresentou também uma escultura. *Leite desordenado* (2018) era feita de estrutura tubular em madeira, tela metálica, fibra de coco e gesso, com mais de dois metros de comprimento. Sobre sua superfície interior e exterior, Barbalho dispõe diversos desenhos, experimentando as possibilidades de construção sobre um espaço que propicia a continuidade entre dentro e fora e cuja topografia é oposta àquela da planaridade da folha de papel. Barbalho também colaborou com Rebollo na execução de *Mapa* (2018), desenho de grandes dimensões que combina o imaginário de ambos.

Sem título, 2019
lápiz de cor, lápis grafite, caneta
esferográfica, óleo, acrílica,
marcador permanente e tinta spray
sobre papel
154 x 118 cm

→
vista da exposição
Rocamboles, 2018
Pivô, São Paulo







Recentemente, Barbalho tem desenvolvido uma série de trabalhos em tela. Contudo, isso não significa que o artista abraça todo o legado e método da técnica pictórica, pelo contrário, ele segue utilizando os mesmos materiais empregados nos trabalhos sobre o papel. Destaca-se, em especial, o grafite, capaz de criar tanto amplas zonas escuras quanto brilhantes, pela reflexão da luz. Outra característica é a dimensão dos trabalhos, menos monumentais do que os anteriores, o que mantém a noção de intimidade do gesto de desenhar, embora o suporte seja a tela.

←
vista da exposição
Rocambole, 2018
Pivô, São Paulo

Xambá, 2021
lápiz de cor, grafite, caneta
esferográfica e marcador
permanente sobre tela
40 x 30 cm





Esse conjunto também apresenta uma outra relação composicional, muito mais concentrada e centralizada. Ressalta, nessas imagens, a simetria, elemento que o artista já vinha manejando em outros trabalhos. Nesses desenhos, proliferam-se formas côncavas e convexas. O artista investiga uma certa quadratura do mundo, com formas que representam o céu, o cosmos, e a esfera espiritual, assim como o universo da matéria, com a terra, os ovos – metáforas para o nascimento – e formas vegetais – metonímia da natureza. Estes trabalhos visam estabelecer uma visualidade das macroestruturas da natureza, ou propor cosmogonias, explicações para o surgimento e desenvolvimento do mundo visível e invisível. Eles são resultado da própria experiência de proximidade do artista com a natureza, tendo em vista o contato diário que ele tem estabelecido com ela desde que se mudou para o interior do estado de São Paulo, passando a viver em São Roque.

Depois que entra ninguém sai, 2021
lápis de cor, grafite,
caneta esferográfica
e marcador permanente
sobre tela
35 x 27 x 1,5 cm

→
*Depois que entra
ninguém sai* [detalhe], 2021
lápis de cor, grafite,
caneta esferográfica
e marcador permanente
sobre tela
35 x 27 x 1,5 cm



Os títulos dos trabalhos, por sua vez, parecem indicar possibilidades de significação para os desenhos. *Metabolizei a maravilha* (2022); *O ninho não foi visto: nasceu* (2021); *Mãinha muito voraz* (2022); *Depois que entra ninguém sai* (2021); *Meu guia* (2022), assim como criar uma espécie de mitologia. As formas presentes na tela, que parecem dobrar-se sobre si mesmas, como se observam-se a si mesmas, parecem emular nosso ato de observá-las, apontando para o fato de que, ao vê-las, elas se somam a nós, adentrando nosso imaginário que as projeta novamente sobre si mesmas, no quadro.

Metabolizei a maravilha, 2022
lápis de cor, grafite,
caneta esferográfica
e marcador permanente
sobre tela
40 x 30 cm





O ninho não foi visto: nasceu, 2021
lápiz de cor, grafite,
caneta esferográfica
e marcador permanente
sobre tela
40 x 30 x 2 cm



Mãinha muito voraz, 2022
lápiz de cor, grafite,
caneta esferográfica
e marcador permanente
sobre tela
40 x 30 x 2 cm

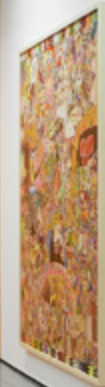
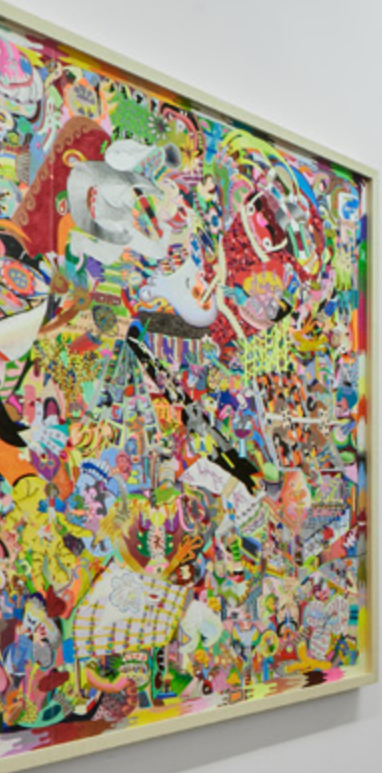


Meu guia, 2022
lápiz de cor, grafite,
caneta esferográfica
e marcador permanente
sobre tela
40 x 30 cm



Gônadas, 2022
isopor estrutural, fibra de vidro,
impressão 3D, resina cristal,
pigmento e pintura automotiva
187 x 179 x 110 cm

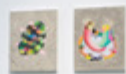
→
vista da exposição
Depois que entra ninguém sai, 2022
Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil



I covered my eyes, 2023
colored pencils, graphite, ballpoint
pen, permanent marker, acrylic and
resin on canvas
187 x 179 x 110 cm

→
exhibition view
Phantom Dance, 2023
Elisabeth Xi Bauer,
London, UK





nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo sp brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art